

Paróquia de Alfragide

N.º 19 | Abril 2026



A Páscoa: O Coração da Nossa Fé

Celebramos a Páscoa num tempo marcado por guerras e conflitos que ferem a humanidade. Mas é precisamente nestes momentos de trevas que a Ressurreição de Cristo brilha com mais intensidade. Como nos ensina o Catecismo da Igreja Católica (CIC), “a ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo” (CIC 638), a certeza de que a morte e a violência não têm a última palavra.

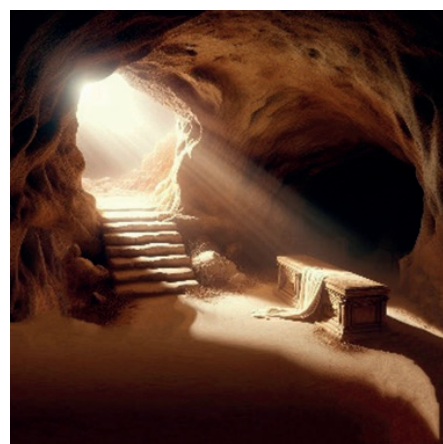
O Papa Francisco, na Vigília Pascal de 2024, recordou-nos que o túmulo vazio é um convite a não procurarmos Cristo entre os mortos, mas a encontrá-lo vivo no meio de nós. Quando o mundo parece dominado pela guerra e pelo ódio, a Ressurreição proclama que “pela sua morte venceu a morte, e aos mortos deu a vida” (CIC 638). Esta vitória não é apenas futura – começa já hoje, em

cada gesto de paz, de perdão e de reconciliação.

O mistério pascal revela-nos que “pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma vida nova” (CIC 654). Numa época em que tantos sofrem pela violência da guerra e das palavras, somos chamados a ser construtores desta vida nova, testemunhas da paz que Cristo nos deixou.

Na *Evangelii Gaudium*, o Santo Padre Francisco convida-nos a sermos portadores da alegria do Evangelho, mesmo quando tudo parece difícil. A Páscoa não nos tira do mundo com os seus dramas, mas dá-nos a força para enfrentá-los com esperança, sabendo que Cristo ressuscitado caminha connosco e que o amor é mais forte que o ódio.

Neste sentido, o Papa Leão XIV também nos ensina que a espe-



rança cristã se fundamenta na Pessoa de Jesus Cristo e no mistério da sua Páscoa, que não é fruto da euforia, mas do abandono confiante.

Que possamos, como comunidade de Alfragide, ser sinais de esperança pascal num mundo ferido!

Feliz Páscoa a todos!

A História da Páscoa



A Páscoa tem as suas raízes na libertação do povo de Israel do Egito, narrada no livro do Êxodo. Deus enviou dez pragas sobre o Egito e, na última, ordenou que cada família hebreia sacrificasse

um cordeiro e marcasse as portas com o seu sangue. O anjo da morte “passou” (*Pessach* em hebraico) por essas casas, poupando os primogénitos israelitas (Ex 12,1-28). Nessa noite, o Faraó libertou o povo, que atravessou o Mar Vermelho rumo à Terra Prometida.

O historiador judeu Flávio Josefo, no século I, confirma que os judeus celebravam anualmente esta festa em Jerusalém, com o sacrifício de cordeiros no Templo, reunindo milhares de peregrinos.

Para os cristãos, a Páscoa ganhou um novo significado: Jesus Cristo,

o verdadeiro Cordeiro de Deus, celebrou a última Páscoa judaica com os apóstolos na Quinta-Feira Santa, instituindo a Eucaristia (Lc 22,7-20). No dia seguinte, foi crucificado precisamente quando os cordeiros pascais eram sacrificados no Templo. Ao terceiro dia, ressuscitou, cumprindo as Escrituras (1Cor 15,3-4).

A Páscoa cristã celebra, assim, a nossa libertação definitiva: não apenas da escravidão do Egito, mas do pecado e da morte, pela Ressurreição de Cristo.

Rezemos juntos!

O Caminho de Emaús: Olhos que se Abrem

No seu livro *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Joseph Ratzinger apresenta-nos a Ressurreição de Cristo não como um simples regresso à vida anterior, mas como algo radicalmente novo: uma “mutação” decisiva, um verdadeiro “salto evolutivo” na história da humanidade.

O Papa emérito explica que Jesus ressuscitado não voltou simplesmente à vida terrena, como Lázaro, que voltou a morrer. Cristo atravessou definitivamente a morte, alcançando uma forma de vida totalmente nova, que Bento XVI descreve como uma “mutação” que abre um novo espaço de existência. É como se a humanidade tivesse dado um salto para uma dimensão superior, inaugurada por Cristo e destinada a todos nós.

Na Encíclica *Spe Salvi*, Bento XVI desenvolve esta ideia ao mostrar que a Ressurreição não é apenas uma promessa para o futuro distante, mas uma realidade que já começou a transformar o mundo. A esperança cristã não é um simples otimismo, mas a certeza de que Cristo venceu a morte e nos abriu caminho para esta vida nova.

No Capítulo 9 do seu livro, Bento XVI analisa profundamente o encontro dos discípulos com Jesus ressuscitado no caminho de Emaús (Lc 24,13-35). Este episódio mostra-nos como reconhecer Cristo ressuscitado no nosso quotidiano e revela a importância de caminharmos juntos como comunidade.

Um detalhe precioso: são dois discípulos que caminham para Emaús. Bento XVI sublinha que a fé não é uma experiência solitária, mas comunitária. Mesmo na desilusão e na tristeza, estes discípulos não estão sozinhos: caminham juntos, conversam, partilham as suas dores e dúvidas. É precisamente neste caminhar acompanhado que Jesus se junta a eles.

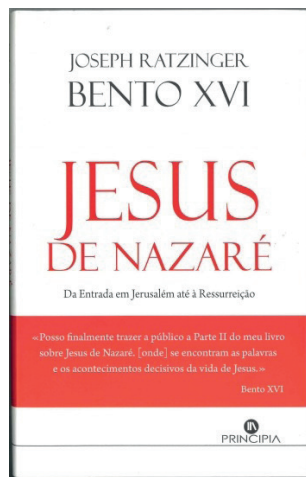
Esta é a imagem da nossa paróquia: cristãos que caminham juntos, que se acompanham mutuamente nos momentos de alegria e de tristeza, que partilham as suas inquietações

e esperanças. Quando nos isolamos, quando nos fechamos em nós próprios, tornamos mais difícil o encontro com Cristo. Mas quando caminhamos em comunidade, apoiando-nos uns aos outros, Jesus está presente entre nós.

Os dois discípulos caminham tristes e desiludidos, afastando-se de Jerusalém. Jesus junta-se a eles, mas “os seus olhos estavam impedidos de O reconhecer”. Bento XVI explica que precisamos de uma transformação interior para ver o Ressuscitado. Jesus não se impõe, mas acompanha-nos pacientemente no nosso caminho, ouve as nossas tristezas, compreende as nossas dificuldades.

O reconhecimento acontece em dois momentos fundamentais: primeiro, quando Jesus explica as Escrituras e “os seus corações ardem”; depois, definitivamente, na “fração do pão” – a Eucaristia. Bento XVI sublinha que é na Palavra de Deus e na celebração eucarística, vividas em comunidade, que encontramos Cristo vivo hoje.

Transformados pelo encontro, os discípulos regressam imediatamente a Jerusalém para junto dos outros apóstolos. Já não fogem, mas procuram a comunidade. Tornam-se testemunhas. Este é o caminho de cada cristão e de cada paróquia: encontrar Cristo ressuscitado na Palavra e no Pão, deixar que Ele transforme os nossos corações em comunidade, entreajudando-nos, e depois regressar ao mundo para sermos, juntos, testemunhas da Ressurreição.



MENSAGEM DO PÁROCO

Caríssimos paroquianos e amigos,

A Páscoa é para os cristãos motivo de uma grande alegria, porque o Senhor Jesus que foi morto por nossa causa, ressuscitou dos mortos, agora vive para sempre no meio de nós e chama-nos a uma vida imortal. A Igreja, que nasceu da Páscoa de Cristo, guarda este anúncio e transmite-o de vários modos de geração em geração: nos sacramentos este anúncio torna-se atual e contemporâneo a cada comunidade reunida em nome do Senhor; com a própria vida de comunhão e de serviço esforça-se por o testemunhar diante do mundo.

Os relatos do Novo Testamento sobre a Páscoa insistem sobre o facto histórico que Cristo ressuscitou, na fé que nasce diante do túmulo vazio, mas sublinha igualmente que a ressurreição do Senhor é um facto sempre atual. Os batizados são membros de Cristo ressuscitado. Nele a humanidade acede, progressivamente, a uma vida nova, a ser construída hoje e não a ser projetada num futuro com contornos imprecisos. Exemplo disto é o facto de os cristãos, na Vigília Pascal, renovarem as suas promessas batismais, o mesmo é dizer, que mais uma vez fizeram a escolha por Cristo, hoje. Escolher Cristo é escolher a verdadeira vida. Fazemo-lo sempre que o mal é vencido e curado, sempre que um gesto de amizade revela ao irmão o amor do Pai, sempre que se cumpre um sacrifício pelo outro, sempre que vivemos com autenticidade, sempre que ajudamos os outros a uma vida mais plena, realizando a Páscoa. O envio – “Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe” – que escutamos no final de cada assembleia não é senão o convite a testemunhar diante do mundo Jesus Cristo ressuscitado, para que todo aquele que contactar com o mistério pascal alcance a salvação.

A todos vós e a todos os vossos familiares e amigos desejo uma Santa e Feliz Páscoa no Senhor Ressuscitado.

Pe. Paulo Coelho, scj